

[ENSAIO]

Os desafios atuais no ensino da Sociologia na Educação Básica

Beatriz Yolanda Pontes de Gusmão Sá¹

INTRODUÇÃO

Dentro da história da sociologia como disciplina no currículo da educação básica, já ocorreram muitos encontros e desencontros diante da permanência da sua obrigatoriedade. A disciplina também já foi rotulada, por personalidades políticas e pessoas públicas, como uma maneira de manipular os jovens em prol de teorias políticas de esquerda devido ao olhar crítico que ela propõe. Isso ficou muito evidente entre os anos de 2016 e 2020, período em que o debate do projeto de lei da Escola Sem Partido se fortaleceu. Políticos conservadores e religiosos endossaram o discurso da sociologia como desnecessária ou, até mesmo, como uma disciplina que desvirtuava os bons costumes da ordem social. Atualmente, enfrentamos o debate do projeto do Novo Ensino Médio, que mantém a sociologia como disciplina propedêutica, mas que reduz a sua carga horária de ensino dentro do currículo do ensino médio. Diante desse contexto, quais são os desafios presentes no ensino da sociologia no ensino básico?

A sociologia é a ciência que estuda as instituições sociais e os fenômenos que organizam a sociedade. A maior defesa para a obrigatoriedade da disciplina no currículo do ensino básico é o entendimento de que a sociologia ajuda na formação do cidadão crítico. Por ser uma ciência viva, que acontece diante dos nossos olhos, a sociologia pode ser ensinada de forma dinâmica, apontando as questões do cotidiano. Isso facilita a compreensão do estudante sobre a importância

¹ Graduada em Ciências sociais e em Licenciatura em Sociologia. Mestra em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social pela UFRPE. Doutora em Antropologia pela UFPE. Atualmente, professora substituta de sociologia do Instituto Federal e efetiva da rede pública do Governo do Estado de Pernambuco.

da disciplina e o ajuda a fazer as conexões entre as teorias e a vida real. Mas como chamar a atenção dos estudantes diante do emprego de rótulos negativos na sociologia? Esse vem sendo um dos desafios mais presentes dentro das salas de aula.

A sociologia apresenta muitos teóricos e suas teorias, sendo assim, exige dos estudantes um esforço de leitura que fica prejudicado com o advento das redes sociais de vídeos. De acordo com dados do Relatório Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – Pisa, de 2018, realizado com jovens entre 15 e 16 anos, 66,3% dos alunos brasileiros não leram textos mais extensos do que 10 páginas². A média entre os jovens chilenos foi de 100 páginas. A comparação é importante tendo em vista que ambos são países da América do Sul com contextos políticos semelhantes. Diante dessa realidade de leitura, como estimular o estudo dos autores, principalmente dos clássicos, que, por muitas vezes, não apresentam uma escrita de fácil entendimento? A complexidade exposta nas teorias de Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, por exemplo, aponta para uma necessidade de interpretação de texto que sofre devido à falta de afinidade dos jovens com a leitura.

Sendo assim, o artigo se baseia no ensino das teorias clássicas e destaca o papel social da sociologia no currículo escolar nacional. Algumas observações apresentadas foram retiradas da experiência em sala de aula no intuito de dividir as experiências para a reflexão das estratégias que podem ser utilizadas na prática do ensino.

A TRAJETÓRIA DAS INDAGAÇÕES

Comecei a minha trajetória nas Ciências Sociais sem entender tão bem como a sociologia, a antropologia e as ciências políticas funcionavam. Também tive uma criação baseada na religiosidade, mas que foi rompida em razão dos meus questionamentos de adolescente sobre “os porquês” das situações sociais. E me apresentar dessa forma é importante para ressaltar que, mesmo diante da minha socialização, eu não duvidei de que a compreensão da organização social me ofertasse o entendimento também sobre quem eu era.

A sociologia e a filosofia ficaram quarenta anos longe da educação básica devido à ditadura militar. Elas foram substituídas por *moral e cívica*, disciplina que trazia as regras sociais de forma clara para serem ensinadas

² Dados referenciados no link:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/11/29/texto-mais-longo-lido-por-66percent-dos-alunos-brasileiros-nao-passa-de-10-paginas-no-chile-normal-e-mais-de-100.ghtml>

aos jovens. Já nesse período, a sociologia e a filosofia foram tachadas como disciplinas de menor valor dentro do currículo da educação básica.

A reflexão sobre ideologia, controle social, capitalismo, condições de trabalho e a compreensão de alguns teóricos como Karl Marx, Antonio Gramsci e Louis Althusser levaram ambas as disciplinas a serem rotuladas como manipuladoras de posicionamento político com viés de esquerda. Isso não ficou restrito apenas ao período da ditadura militar, voltando a ser uma das pautas do projeto Escola Sem Partido³, no ano de 2016. Reis e Eggert (2017) ressaltaram que, a partir desse movimento, os professores podiam sofrer processos judiciais devido ao tipo e contexto que trabalhavam em sala de aula. Esse clima de perseguição, de fato, se instalou, sobretudo entre os professores relacionados às ciências humanas. Hoje, ainda há resquícios de tal momento, e alguns professores ainda evitam falar de certos assuntos para que não se criem tensões.

Retomando a história da sociologia e da filosofia dentro do currículo escolar, apenas em 2008, com a Lei nº 11.684, as disciplinas voltaram a fazer parte do plano curricular da educação básica, sendo obrigatórias nos três anos do ensino médio. Na época, algumas instituições já apresentavam as disciplinas em suas grades curriculares. Em Pernambuco, elas estavam presentes. Saber sobre a trajetória da sociologia é importante para que possamos compreender as indagações presentes neste artigo, tanto referentes ao ensino quanto à própria perspectiva dos estudantes.

A necessidade desse artigo veio da minha experiência em sala de aula da educação pública. Atuando tanto na esfera federal quanto na estadual, a sociologia veio como um desafio para estudantes e para mim. Para os estudantes, o desafio das bases curriculares, da ampliação da mente para um olhar crítico, que, para a maioria deles, não estava dentro do seu cotidiano. Para mim porque deparei com a realidade da falta de perspectiva de muitos jovens, de uma defasagem de aprendizado vindo do período da pandemia e de uma falta de interesse pela leitura, o que vem refletindo nas disciplinas de humanas. Muitos jovens não se

³ O Projeto Escola Sem Partido foi pensado por políticos e pessoas públicas conservadoras e desenvolvido em 2014. Sua justificativa era a necessidade de cuidar do que estava sendo transmitido aos estudantes dentro das escolas, pois estaria ocorrendo uma doutrinação “esquerdista”. Sendo assim, os professores poderiam ser vigiados para que eles não promovessem debates sobre gênero, orientação sexual, opiniões ideológicas ou incentivassem os alunos com as suas correntes políticas, por exemplo. O projeto chegou a entrar em vigor em alguns municípios, mas, em meados de 2019, o movimento encerrou as suas atividades. Em 2020, tal debate voltou à tona devido à caracterização como inconstitucional, ferindo o direito de autonomia da cátedra garantido constitucionalmente para os professores, pelo STF, diante de um projeto de lei de Alagoas baseado no Escola Sem Partido.

interessavam pelas suas potencialidades e buscavam apenas terminar a jornada escolar sem grandes planos; essa realidade refletia no interesse da disciplina devido à consideração do estereótipo de ela ser “menor”, como apontado anteriormente.

Claro que nem tudo foi só negatividade. Também deparei com jovens que buscavam compreender seu lugar social, que tinham interesse em saber onde estavam localizados na sociedade, principalmente quando se referiam às questões de classe social, raça/etnia, gênero e sexualidade. Tive contato com jovens que, inclusive, tinham acesso a debates bem direcionados por filósofas atuais, como Judith Butler e Audre Lord. Mas a disparidade é o que mais chama a atenção entre esses dois grupos, pois o primeiro veio ganhando mais destaque em razão da quantidade de jovens envolvidos.

Na esfera federal, os estudantes do primeiro ano do ensino médio já começam o seu contato com a sociologia. Na rede estadual, esse contato inicia com a filosofia nos primeiros anos, tendo a sociologia apenas nos segundos anos. Tive a oportunidade de ainda pegar filosofia e sociologia nas turmas de terceiros anos, porém essa realidade mudou com a vigência do Novo Ensino Médio, que diminuí a carga horária das duas disciplinas, fazendo com que nos terceiros anos não haja mais nem sociologia nem filosofia. Contraditoriamente, ambas as disciplinas continuam presentes no Exame Nacional do Ensino Médio, o que nos aponta para uma defasagem dos estudantes da rede pública que seguem as diretrizes desse projeto.

Em 2018, em uma reflexão para a 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, apontei uma mudança de postura dos estudantes secundaristas diante da obrigatoriedade do ensino de filosofia e de sociologia. O questionamento e as noções sobre política se refletiram nos protestos e nos movimentos estudantis que aconteceram no país naquele momento. Jovens estudantes estavam “cobrando responsabilidade do governo, questionando ações políticas que não eram voltadas para o bem da população, bem como refletindo sobre o respeito e a desigualdade em relação ao gênero e à comunidade LGBT. Um bom exemplo disso foram as ocupações das escolas, em 2015 e 2016⁴” (Gusmão Sá, 2018). Após esses fatos, coincidentemente, a sociologia e a filosofia foram “ganhando” uma carga horária menor dentro do ensino médio.

Em 2020, tivemos a pandemia de covid-19, que trouxe grandes modificações para a educação com um período de paralisação e depois

⁴ Mais informações sobre as ocupações das escolas no link: <https://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/>

com a obrigatoriedade do ensino a distância, no modo on-line. Essa nova realidade afetou o desenvolvimento dos estudantes, tanto na interação social quanto no aprendizado. Pensando no aprendizado, muitas instituições escolares não tinham suporte para tal metodologia, especialmente quando falamos em instituições públicas. Alguns professores também não tinham a formação necessária para usar as plataformas utilizadas para dar as aulas, e isso afetou o acompanhamento pedagógico e a própria reflexão que a disciplina de sociologia precisa para que haja a compreensão dos conceitos e das teorias. Além disso, muitos estudantes não conseguiam se concentrar diante da carga horária normal no modo on-line. Dessa forma, temos uma leva de fatores que se somaram para uma realidade de ensino/aprendizagem com resultados difíceis.

Diante dos pontos apresentados, acredito que pensar o papel social da escola perpassa por todos os desafios trazidos aqui. E a função da escola deve ser ponderada não só pelos profissionais da educação, mas também por estudantes e pela comunidade civil como um todo. Dessa maneira, devemos fazer a reflexão sobre:

[...] a quem a escola serve. Estamos em busca de cidadãos críticos e que caminhem intelectualmente com suas próprias pernas ou estamos adestrando pessoas para visarem, exclusivamente, um diploma vazio de suas próprias ideias? Preparamos pessoas apenas para passar numa prova e adentrar em uma universidade ou visamos uma formação completa de indivíduos que estejam realmente preocupados com mudanças e bem-estar social? E como conseguir esse melhor convívio social sem o ensino à tolerância das diferenças? (Vasconcelos; Gusmão Sá, 2017, p. 210).

Ao questionar sobre o papel social da escola, devemos retomar as novas mudanças no projeto do Novo Ensino Médio. O debate retornou, no segundo semestre de 2023, com a proposta de mudanças sugeridas pelo Governo Federal diante da realidade precarizada do ensino/aprendizagem ante as diretrizes que já estavam em vigor, desde 2022⁵.

Uma das mudanças era sobre a diminuição da carga horária das disciplinas propedêuticas, em prol dos itinerários formativos. De acordo com a proposta do Governo Federal, as disciplinas obrigatórias deveriam voltar a ter maior disponibilidade no currículo. Outro ponto defendido pelo Governo Federal era o da permanência da língua espanhola como

⁵ O Projeto do Novo Ensino Médio foi pensado por políticos que não tinham contato com a educação, tendo o então Ministro da Educação, José Mendonça Filho, do Partido União Brasil, como entusiasta. Foi sancionado no Governo Temer, em 2017, e foi implementado apenas em 2022.

opção oficial de língua estrangeira, o que tinha sido retirado do projeto que estava em vigor. Coincidentemente, o relator da nova proposta foi, exatamente, o então deputado Mendonça Filho – precursor do projeto.

Houve uma tentativa de passar o projeto com votação de urgência, alguns partidos “de centro” se posicionaram a favor da manutenção do projeto e da aceleração da votação, como o Partido Novo. Em meados de dezembro de 2023, a votação foi adiada para o ano de 2024, fazendo com que haja mais tempo para o projeto ser debatido e (re)pensado, inclusive sugerindo a possibilidade de aceitação das novas propostas do Governo Federal.

É a partir do contato com os estudantes no pós-pandemia, com a volta do “medo comunista” e diante de uma mudança pautada no Novo Ensino Médio, que este artigo visa trazer reflexões sobre a realidade das salas de aula diante dos desafios atuais.

SOCIOLOGIA E A SALA DE AULA: QUAIS AS INFLUÊNCIAS QUE ATUAM SOBRE A DISCIPLINA?

No meu primeiro contato com estudantes de uma escola pública, ainda no estágio de docência, fui questionada por um grupo de estudantes do segundo ano do ensino médio sobre o seguinte ponto: por que estudar sociologia se ela não era uma matéria importante para a vida real? Acredito que o primeiro desafio em sala de aula é exatamente chamar a atenção dos estudantes para a aplicabilidade da sociologia no cotidiano. Essa realidade me remeteu a Charles Wright Mills ([1959]1972), destacando a importância da conexão entre os fenômenos sociais e a experiência individual, fazendo com que a sociologia fosse praticada. Penso que esta deva ser uma motivação dos professores e das professoras de sociologia: fazer com que os alunos percebam como aprender ciências sociais pode ajudá-los a entender os contextos sociais nos quais eles estão inseridos diante do entendimento do funcionamento das instituições sociais, da reflexão sobre as normas sociais e sobre as questões políticas - se localizar na vivência social.

O espaço da escola deve ser pensado para além das paredes estruturais, pois o contexto dos estudantes e dos funcionários ajudam a construí-la. O local em que a escola está localizada também faz parte dessa construção. Assim, ocorrem situações diversas dentro do ambiente escolar, como: racismo, questões de gênero, sexualidade e diferenças de classes sociais. Além de situações de poder como bullying e a própria relação hierárquica entre funcionários e alunos. Penso, então, a partir de Vera Candau (2008): o que o ensino da sociologia, e das ciências sociais como um todo, pode oferecer para os jovens estudantes?

Todas as situações supracitadas são presenciadas de perto, dentro da escola e na vivência dos estudantes. Elas podem (e devem) ser referenciadas no ensino da sociologia, assim como podem auxiliar na elaboração da agenda pedagógica escolar, já que o currículo comum tende a homogeneizar as diferenças existentes entre os grupos e as realidades dos estudantes, como destacado por Neusa Gusmão (2008), Marion Quadros e Raimundo Nascimento (2015). Inclusive, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais acrescentaram o debate de diversidade em 1997.

Esses temas aproximam o significado de estudar a disciplina com a prática dos jovens estudantes. São nessas temáticas identitárias que percebo um maior envolvimento dos estudantes com o conteúdo, seja para tentar compreender a sua realidade, seja para questionar o motivo de estudar sobre assuntos “que não têm discussão”, na visão dos mais conservadores, como as questões de gênero e de sexualidade. Mas o debate em sala existe.

Diante disso, professores e professoras devem criar possibilidades de exposição da aula que estimulem os alunos a refletirem criticamente. As propostas circulam em torno de levar contextos do cotidiano para o debate na sala, instigar os alunos com questionamentos sobre situações que eles possam passar na própria vivência escolar. Dinâmicas mais complexas podem ser usadas nas aulas, como seminários, pesquisas sociológicas de pequeno porte e dramatizações de votações, por exemplo. Todas essas formas de apresentar o conteúdo vão levar os alunos a usarem as suas capacidades e qualidades de legislador de si próprios.

A partir do momento em que os estudantes compreendem a aplicabilidade real da sociologia, há uma maior reação de interesse pela disciplina, principalmente em contextos sociais que os tocam diretamente, como: racismo, gênero e sexualidade, como dito anteriormente. Embora as redes sociais digitais tenham influenciado no interesse da leitura, como já apontado, elas também têm trazido debates sociais com mais frequência e dinamicidade. Isso acaba fortalecendo a importância da sociologia para que os sujeitos se localizem dentro das arenas políticas e das situações sociais. Muitos estudantes trazem exemplos de hashtags, como o #vidasnegrasimportam, para exemplificar ou edificar as teorias e os conceitos aprendidos durante as aulas de sociologia.

Em contrapartida, outra situação ronda a falta de atenção dos estudantes para com a disciplina. De uns sete anos para cá, uma nova onda de “medo do comunismo” cresceu no país, e isso refletiu no ensino da sociologia, sobretudo quando falamos de autores como Karl Marx. A

resistência em estudar Marx é presente principalmente entre os estudantes religiosos (protestantes e católicos), o que relaciona o discurso conservador ao “medo” da desordem.

Presenciei estudantes tentando apontar características ao autor mesmo sem nunca o ter estudado. As características apresentadas estavam relacionadas a textos baseados em senso comum e a rótulos difamatórios que circulavam em chats de redes sociais. Certa vez, ao falar sobre o assunto de ideologia, fui questionada por um estudante de terceiro ano sobre a minha crença em Deus. O estudante se espantou quando eu disse que acreditava em Deus e que tinha uma religião, mas que isso não me impedia de acreditar na ciência e de ser crítica às questões sociais. Em outra situação, em uma aula no primeiro ano, o estudante questionou o que Marx dizia sobre a religião na tentativa de mostrar que o autor era ateu e que, por isso, a sua teoria não merecia atenção. Então, como passar a barreira do senso comum negativo para, de fato, fazer com que os estudantes compreendam que Marx é um autor importante para a disciplina e para o entendimento da organização social?

Tentar desmistificar as falas corriqueiras no cotidiano, como “é comunista de Iphone” ou, ainda, “no comunismo você deve sair da sua casa para o mendigo ficar nela”, eram situações que traziam polêmica, mas bons resultados. Trazer os memes para desconstruí-los a partir da teoria também surtia um bom resultado nas aulas, principalmente quando falávamos na vertente do trabalho. Em sua obra “O capital”, com a primeira publicação em 1867, Marx explanou sobre algumas contradições presentes nos modos de produção. Uma delas foi o conceito de “mais-valia”, que seria o tempo de trabalho não pago para o trabalhador. É dessa engrenagem que vem o lucro do empregador. Outro conceito importante é o de “mercadoria”, que foi apresentado como o valor de uso (satisfação/necessidade) menos o valor de troca (capacidade de ser trocada por outra mercadoria). O resultado dessa conta complexa advinha do tempo gasto no trabalho para fazer tal objeto. Dessa forma, ressalta-se a exploração e todas as contradições presentes na estrutura econômica: quem trabalha mais ganha menos.

Apontar tal teoria para a atualidade é revelador para a explicação dos processos de terceirização, quarteirização e “plataformização” do trabalho (a partir do serviço de plataformas digitais como Uber e IFood). Os estudantes aceitavam melhor os conceitos marxistas e, por vezes, traziam suas próprias experiências. Isso porque alguns estudantes faziam entregas em aplicativos ou tinham responsáveis que ofereciam serviços de motorista em plataformas. Isso aproximava o conteúdo com a realidade.

A mesma resistência não foi reparada ao falar sobre Émile Durkheim e Max Weber. Estes eles entendiam que eram importantes por serem pioneiros nos estudos sociais. Durkheim foi mais abordado diante do interesse de alguns estudantes sobre o estudo de suicídio e a sua ligação com as questões sociais ([1897] 2019). Quando a abordagem trazia a divisão social do trabalho ([1893]1999), já não se apresentou tanto debate em sala, mas houve uma receptividade tranquila. Tentei trazer o fato de que a teoria de Durkheim era estudada, até hoje, porque apresentava questões interessantes para a reflexão sobre a nossa sociedade, de como a divisão do trabalho influenciava na sociabilidade. E, ainda, de como ela fazia pensar sobre as novas condições de trabalho, inclusive com o uso e a interação da tecnologia. Fazer com que os estudantes utilizem essa diferença de divisão do trabalho para refletirem sobre as atuais condições de leis e condições trabalhistas é positivo para uma percepção da sociedade atual.

Completo ainda ressaltando que, na minha experiência, Weber ([1905]2001) ainda foi mais bem recebido quando apontada a teoria sobre “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, sobretudo pelos estudantes de correntes evangélicas. A importância do *ethos* do trabalho proveniente da vocação da providência divina, relacionando a falta de vontade de trabalhar à ausência do estado de graça, trazia concordâncias dos estudantes conservadores.

As aulas sobre os direitos humanos renderam, igualmente ao ocorrido com Marx, polêmicas em sala de aula diante da ideia do senso comum de que “os direitos humanos ajudam os bandidos”. Tentar trazer a universalidade, a origem e a importância dos direitos humanos para o entendimento dos estudantes se deram diante de muita tensão. Novamente penso em Candau (2008) ao apontar:

A relação entre questões relativas à justiça, redistribuição, superação das desigualdades e democratização de oportunidades e as referidas ao reconhecimento de diferentes grupos culturais se faz cada vez mais estreita. Nesse sentido, a problemática dos direitos humanos, muitas vezes entendidos como direitos exclusivamente individuais e fundamentalmente civis e políticos, amplia-se e, cada vez mais, afirma-se a importância dos direitos coletivos, culturais e ambientais (Candau, 2008, p. 46).

Essa construção individual do *ethos* moral e religioso continua forte dentro da percepção e recepção dos estudantes para com as teorias sociais. Somado a isso, temos a divulgação de opiniões baseadas em interesses pessoais e políticos que se multiplicam dentro do universo virtual e ganham notoriedade diante do *influencer* que está divulgando. Há ainda o

fator do fortalecimento de ideais neoliberais, que destacam o individualismo e acabam fortalecendo o posicionamento dos *influencers* que estão ajudando a formar a visão crítica (ou rasa) dos jovens. Assim, todos os fatores apontados aqui como desafios permeiam a condição de como está sendo a socialização dos indivíduos diante de um projeto político de bipolaridade que veio ganhando força nesses anos 2000 e que influenciam diretamente o ensino da disciplina de sociologia, que vai, exatamente, explicar esses movimentos sociopolíticos.

A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES: O QUE APRENDERAM DURANTE UM ANO E QUAIS FORAM AS DIFICULDADES NA DISCIPLINA?

Catarine Walsh (2009) chamou a atenção sobre a necessidade de ler o mundo criticamente, para que os indivíduos entendam os lugares sociais que ocupam. Por isso, a autora defendeu a intervenção na reinvenção da sociedade ressaltando “que não existe prática social mais política do que a prática educacional” (Walsh, 2009, p. 17). Logo, mesmo diante de tantos obstáculos no ensino da sociologia, seus profissionais devem fazer a reflexão sobre o papel da educação no cotidiano do exercício do seu ofício para que, de fato, a educação seja o ponto de partida para uma mudança social.

Mas como fazer isso diante dos desafios apontados? Algumas estratégias foram utilizadas para trazer o interesse dos estudantes para a disciplina. Trechos de vídeos viralizados nas redes sociais eram positivos e traziam mais debate para as aulas. Trailers de filmes como “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” e “O dilema das redes” também movimentavam debates mesmo entre os estudantes mais silenciosos.

O recurso mais utilizado foi a interpretação de músicas; elas fizeram parte do cotidiano da disciplina. Muitos estudantes questionavam a escolha das músicas e, a partir disso, já surgia um debate em sala. Busquei por clássicos da música popular brasileira como “Cálice”, de Chico Buarque, e “Admirável gado novo”, de Zé Ramalho. Incrivelmente, devo relatar que muitos estudantes do ensino médio não conheciam Chico Science e o movimento Mangue Beat, originários aqui de Pernambuco. Por serem músicas que a maioria dos estudantes não conheciam, havia uma maior dificuldade na interpretação. Além disso, falamos de Racionais, Djonga e Baco Exu do Blues, artistas que eram mais populares entre os estudantes e que sempre rendiam muitos debates. Essas estratégias despertaram a necessidade da interpretação de texto no que estava sendo apresentado como material de apoio para as aulas.

O acompanhamento dos estudantes diante do cotidiano escolar chamou a atenção para a realidade de que a deficiência em português levava a uma dificuldade na compreensão da sociologia. Isso foi percebido ao notar que alguns estudantes tinham dificuldade de leitura e de interpretação das músicas apresentadas em sala e das questões trabalhadas em exercícios e provas, sobretudo em questões de concurso, como o Exame Nacional do Ensino Médio, que possuíam textos. Os dados do Pisa de 2018, já apresentados aqui, apontaram a realidade juvenil de baixos índices de leitura e queda no desempenho em disciplinas como matemática e ciências.

Diante disso, fiz uma observação a partir da leitura coletiva das provas e reparei que, após essa prática, de ler, eu mesma, a prova para a sala, os estudantes que tinham mais dificuldade no desempenho tiraram notas melhores. Isso aponta que a maior dificuldade deles estava na compreensão e na prática do próprio português e não da sociologia. O dado final para essa hipótese se deu quando eu perguntei no último dia de aula o que eles tinham aprendido em sociologia ao longo do ano e esses estudantes com baixo desempenho aplicaram conceitos e teorias de forma correta.

Penso que os estudantes em questão não tinham total consciência dessa deficiência na língua portuguesa, pois eles associaram a dificuldade à quantidade de teóricos e conceitos. Essa observação reforça os resultados do estudo Pisa, o qual relata que os jovens estão lendo cada vez menos. Dessa forma, as dificuldades de interpretação ficam ainda mais evidentes.

Outro ponto interessante para debater sobre a dificuldade apontada pelos estudantes estava em torno da complexidade da disciplina. Como trata da organização social, a sociologia pede que estejamos atentos aos fatos sociais. Nesse caso, muitos estudantes dizem não ligar para a organização social, sobretudo quando se trata do entendimento político. Foi comum ouvir: “eu não gosto de política” e, a partir disso, notar o total desinteresse pela disciplina.

Assim, o desafio foi tentar mostrar que a compreensão da sociologia fazia com que os estudantes pudessem entender o que acontecia no cotidiano deles: questões de violência de gênero ou por sexualidade, por intolerância religiosa ou xenofobia, por etarismo ou por ser do interior, por situações de racismo e classismo. Esses últimos fatores se apresentaram com muita força. Muitos estudantes apresentaram fatos acontecidos com eles, como o caso de um estudante do primeiro ano que relatou estar no ônibus com a farda da escola e ouvir de uma senhora a seguinte frase “não senta do lado dele, que você pode ser assaltada”. O

mesmo estudante, que não falava tanto nas aulas, trouxe a situação das cotas para entrar na escola federal em que ele estava, isso porque uma mãe reclamou para a mãe dele no dia da acolhida que era contra as cotas voltadas para os estudantes de escola pública.

O exercício de tentar trazer a atenção dos estudantes para a importância da sociologia no cotidiano nem sempre surtia efeito. Porém, entre a maioria dos estudantes, esses exemplos mais “corriqueiros” faziam com que eles conseguissem encaixar a teoria na própria realidade. Sendo assim, foi possível perceber que a aproximação da disciplina a partir de temas comuns era um gatilho para o desenvolvimento da teoria, adentrando, assim, temas mais complexos e podendo, por vezes, discutir teorias próprias da sociologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou problematizar os desafios atuais que interferem no ensino e no interesse dos estudantes em relação a disciplina de sociologia. Os fatores apontados aqui (encarados como desafios) foram observados na vivência da sala de aula de escolas públicas. O intuito foi compartilhar experiências de docência e gerar uma reflexão sobre como a disciplina de sociologia sobre interferências externas no seu exercício educacional. E, em contrapartida, como a própria disciplina pode explicar esses fenômenos.

Há um desinteresse dos jovens pela leitura, o que vem dificultando no aprendizado de outras áreas e disciplinas, para além do português. Por si só, esse já é um obstáculo importante, tendo em vista que a sociologia necessita tanto a leitura quando a interpretação de texto. Se somamos esse fato a defasagem de ensino/aprendizagem advindos do período da pandemia teremos uma dificuldade de compreensão da sociologia potencializada. A estratégia de mesclar os estudos sociológicos com músicas, filmes e até memes da internet é positiva para atrair a atenção dos estudantes, mas não superam a prática da interpretação de texto. É necessário que haja uma ação conjunta e interdisciplinar para tentar reverter essa realidade.

Questões políticas também interferem diretamente no ensino e no interesse dos estudantes pela sociologia. Ainda temos resquícios da tensão da Escola Sem Partido entre os profissionais, que, por vezes, preferem não aprofundar em temas que possam criar polemicas, principalmente se tiverem referem com a bipolaridade política, gênero ou sexualidade. No que se refere à política, as tensões surgem com mais intensidade ao apresentar as teorias de Karl Marx, tanto pela aversão ao comunismo de

alguns estudantes, quanto pela própria confusão entre as direções políticas de esquerda e direita relacionadas aos partidos políticos no Brasil.

Os fatores apresentados aqui ainda ganham potencialidade dentro do projeto do Novo Ensino Médio. A diminuição da disciplina de sociologia na carga horária do ensino médio sugere, indiretamente, que ela é uma disciplina menos importante, reforçando todo o estereótipo negativo que vem sendo construído desde a ditadura militar. Essa diminuição também reflete na percepção crítica dos estudantes, dificultando o entendimento da organização social e de todas as suas normas.

Diante disso, aponto que os próprios desafios percorridos aqui levam para a importância do ensino da disciplina. As confusões de compreensão política revelam o quando a sociologia é necessária para que os jovens tenham conhecimento e criticidade a ponto de não reproduzirem senso comum como sendo teorias. O maior desafio posto para os professores de sociologia está em trazer à tona a prática da sociologia para que os estudantes possam fazer as conexões necessárias para o desenvolvimento questionador e a compreensão de quem eles são dentro da organização social.

Referências Bibliográficas

CANDAU, Vera Maria. Direito humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In **Revista Brasileira de Educação**. v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão social do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed. [1893]1999.

_____. **O suicídio**: Estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes. [1897] 2019.

GUSMÃO, Neusa. Antropologia, estudos culturais e educação desafios da modernidade. In **Revista Pró-Posições**. v. 19. p. 47-82. 2008.

GUSMÃO SÁ, Beatriz Yolanda Pontes de. O corpo na escola: como pensar a relação entre educação e sexualidade no Brasil. In **Anais do 31ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA**. 2018. Disponível em: https://www.31rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=95

MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Boitempo; 2ª ed. [1867]2011.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 3ª ed. [1959]1972.

QUADROS, Marion Teodósio; NASCIMENTO, Raimundo Nonato Ferreira. O diálogo entre Antropologia e Educação: Experiências com a diversidade na formação de professores da educação básica. In **Rev. Antropol.** (Online) 7 (1): 244-263, 2015.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. In **Educ. Soc.** Campinas, v. 38, n. 138, Jan. 2017, p. 9-26.

VASCONCELOS, Flávia Maria dos Santos; GUSMÃO SÁ, Beatriz Yolanda Pontes de. Entre aparelhos ideológicos e hegemonias: uma análise sobre o projeto Escola Sem Partido. In **Anais do III Seminário Internacional do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina (SIOMSAL)**. Caruaru, 2017, v. 2, p. 208-221.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica e pedagogia de-colonial: apuestas (des)de el in-surgir, re-existir y re-vivir. In: Vera Maria Candau (org). **Educação Intercultural na América Latina: Entre Concepções, Tenões e Propostas**. 7 Letras, 2009, p 12-42

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret. [1905]2001.

OS DESAFIOS ATUAIS NO ENSINO DA SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

RESUMO

O artigo propõe uma reflexão sobre os novos desafios que envolvem o ensino de sociologia na educação básica. A realidade se reflete nas dificuldades com a leitura e a interpretação de texto, com as adversidades políticas que caracterizam a disciplina como pejorativa e, ainda, com os vestígios do período da pandemia, quando o aprendizado e interesse dos estudantes ficaram prejudicados. Dentro desse contexto, o artigo ainda destaca as novas diretrizes do projeto do Novo Ensino Médio, que dificulta a condição de ensino/aprendizagem tanto para os professores quanto para os próprios estudantes. O artigo se baseou em pesquisa bibliográfica e na experiência do cotidiano em sala de aula, trazendo o entendimento do estudante sobre a disciplina e dificuldades apontadas por eles mesmos.

Palavras-chave: Condição de ensino/aprendizagem; cotidiano em sala de aula; ensino de sociologia; novo Ensino Médio.

THE CURRENT CHALLENGES IN TEACHING SOCIOLOGY IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT:

The article proposes a reflection on the new challenges involved in teaching sociology in basic education. The reality is reflected in the difficulties with reading and interpreting text, with the political adversities that characterize the discipline as pejorative and, also, with the traces of the pandemic period, in which students' learning and interest were harmed. Within this context, the article also highlights the new guidelines of the New High School project that make teaching/learning difficult for both teachers and students themselves. The article was based on

bibliographical research and everyday experience in the classroom, bringing the student's understanding of the subject and difficulties highlighted by themselves.

Key Words: *Teaching/learning conditions; Daily life in the classroom; Teaching sociology; New High School.*

DESAFÍOS ACTUALES EN LA ENSEÑANZA DE LA SOCIOLOGÍA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN

El artículo propone una reflexión sobre los nuevos desafíos que involucra la enseñanza de la sociología en la educación básica. La realidad se refleja en las dificultades con la lectura e interpretación de textos, con las adversidades políticas que caracterizan a la disciplina como peyorativa y, también, con las huellas del período pandémico, cuando el aprendizaje y el interés de los estudiantes se vieron perjudicados. En este contexto, el artículo también destaca los nuevos lineamientos del proyecto Nueva Escuela Secundaria, que dificulta la enseñanza/aprendizaje tanto para los docentes como para los propios estudiantes. El artículo se basó en investigaciones bibliográficas y en la experiencia cotidiana en el aula, aportando la comprensión de los estudiantes sobre el tema y las dificultades destacadas por ellos mismos.

Palabras clave: *Condiciones de enseñanza/aprendizaje; vida diaria en el aula; enseñanza de sociología; nueva escuela secundaria.*